

Brandes quer iniciativa privada forte

A estrutura pública brasileira é reconhecidamente gigantesca e já no topo aparenta ser maior do que as necessidades. O alerta é do candidato a deputado federal Francisco Pinheiro Brandes (PFL), que disse ser esta uma situação perigosa, para que de fato se proceda um efetivo desenvolvimento e fortalecimento do setor privado, na medida em que é cada vez maior a interferência da máquina estatal em todos os setores da economia.

Segundo Francisco Brandes, no capitalismo moderno é evidente que o Estado não pode ser posto à margem da atividade econômica, mas dela deve participar, no entanto, mantendo uma certa distância. Isso porque, o Governo deve reservar o melhor da sua força, do seu poder e de sua competência apenas na mobilização de investimentos em setores específicos da área social que não podem, pela própria natureza, dar resposta econômica aos recursos que absorvem.

Francisco Brandes defendeu a posição de que as empresas poderiam passar a ser executoras de alguns setores das políticas sociais que continuam sendo conduzidas de forma ineficaz pelo Estado. Ele acredita que mudanças desta ordem poderão fazer com que os escassos recursos de que se dispõem para investimentos sociais sejam melhor utilizados.

Para Brandes, o desenvolvimento econômico significa maior trabalho e menores gastos, ou maior produção e maior poupança para que se invista aquilo que não se utilizou para consumo. A decisão de investir pode ser tomada pela iniciativa privada e pelo Estado, mas considera que este tem tido uma participação excessivamente grande nesta decisão, chamando a atenção, também, para o fato de que esse procedimento não conduz ao desenvolvimento, pois se a decisão de investimento é malfeita, não se atende às necessidades.

Brandes disse, ainda, que gigantismo inútil da administração está principalmente na relação de que a maior função do Estado é a de garantir ao consumidor a inexistência de privilégios e monopólios de qualquer ordem, fazendo com que se produza aquilo que de fato o consumidor precise. "A iniciativa privada tem que se dividir entre os que querem manter suas relações de apoio do Estado, para que deixe de ser vista como cúmplice da estatização".